

CURRÍCULO E CULTURA: OUTROS OLHARES NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Simone Silva Alves – UFRGS
sialves554@gmail.com
Leda Sallete Ferri Nascimento-UFRGS
ledasallete@yahoo.com.br
Fernanda dos Santos Paulo- UFRGS
fernandaeja@yahoo.com.br

Eixo 4: Organização do trabalho pedagógico nas escolas públicas na Educação Básica

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância das experiências culturais, em sala de aula, e da necessidade da inclusão desses conhecimentos na organização curricular das instituições educacionais. Acreditamos na possibilidade da elaboração de novos currículos que privilegiam as experiências precedentes dos alunos, utilizando esses saberes como base para reorganizar outros conceitos. Essa relação entre cultura e currículo nos faz acreditar que, através das experiências, podemos evidenciar uma melhor integração entre a organização curricular e as reais necessidades dos alunos. Nessa perspectiva, o desafio reside na consolidação de identidades institucionais engajadas em suas comunidades de origem, garantindo, por um lado, a fidelidade e lealdade às tradições e, por outro, buscando modernizar os atuais marcos regulatórios. Isto significa realizar um esforço concentrado no sentido de encontrar alternativas de superação para a sobreposição do conhecimento regulação sobre o conhecimento emancipação. Para compreendermos esse fenômeno material social nos fundamentamos em autores como Apple, Mészáros, Giroux, Triviños, Candau, Cury, entre outros.

Palavras chave: Currículo. Cultura. Escola. Experiência.

Introdução

Na rapidez em que vêm passando os modos de viver em sociedade, o processo de inversão das imagens e dos valores está além da dignidade e os preconceitos circulam por todos os espaços. Nesse sentido, depende da forma do olhar, no entanto torna-se necessário, antes, verificar se nossas lentes encontram-se preparadas: límpidas de crendices, de conceitos já cristalizados que não admitem vislumbrar e entender o novo e/ou o diferente.

Vivemos num modelo de produção social que está destruindo os direitos sociais dos trabalhadores, rebaixando salários, concentrando a renda, realizando a mercantilização da vida, destruindo ainda mais o meio ambiente e ameaçando a vida e a continuidade da espécie humana. Desse modo, as acentuadas desigualdades sociais se expressam pela exclusão de milhares de pessoas das condições favoráveis de existência. Merecem referência as considerações feitas por István Mészáros (2004), em sua obra *O Poder da Ideologia*, onde mostra que o sistema capitalista de produção causa à humanidade: a fome, a miséria e o aprofundamento das desigualdades entre as classes.

Destacamos que dos quinze países do mundo com maior concentração de renda, dez são da América Latina. Segundo a Organização das Nações Unidas, o baixo nível educacional é um dos fatores que mais dificulta a melhoria social na região. No mundo são 1,7 bilhões de

pessoas vivendo na pobreza absoluta (têm renda inferior a US\$ 1,25 por dia), pelos critérios do Banco Mundial. O Brasil tem o terceiro pior nível de desigualdade de renda do mundo, empatando com o Equador¹.

Entendemos que é através das relações de produção que conseguimos saber em poder de quem estão os meios de produção, se esses meios estão à disposição da sociedade ou de indivíduos particulares. Ao longo de sua história, o sistema capitalista de produção utilizou de diversas estratégias para sobreviver. Atualmente, o modelo passa por uma crise, mas segue se alimentando da pobreza do povo e explorando a classe trabalhadora em todos os países, principalmente em nosso país.

As informações acima apresentadas, são muito mais do que indícios, sinalizam crises; uma superposição de crises (socioeconômica, de valores, ética, política) que se aprofundam com a paralisação do crescimento nos países desenvolvidos (a crise europeia está aí para confirmar) e, ao gerar inquietações rompe com a organicidade das estruturas estabelecidas propostas pelo capital.

Essas crises são consequência da inoperância de um conjunto de processos que antes garantiam os equilíbrios de certa ordem aparente na sociedade que temos hoje, cuja mais forte expressão se constitui num cenário de incerteza social.

Compreendemos que a educação deve subsidiar, também o cidadão, para que ele possa ter consciência plena de suas raízes históricas, a fim de dispor de referenciais de análise que lhe possibilitem situar-se no mundo, a partir da leitura crítica e da consequente redefinição da noção de identidade individual e coletiva, sob a ótica de “[...] afirmar sua diferença, descobrir os fundamentos da sua cultura, reforçar a solidariedade do grupo” (DELORS, 2007. P.48).

Assim, através desse *continuum* educativo, co-extensivo a todas as etapas da vida humana e aos vários segmentos sociais, que se dá o conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de cada um, em particular, Representa, assim, um processo de apropriação singular e de criação pessoal na busca pela realização pessoal e pela participação na vida em sociedade.

A sociedade nos incita a fazer uma escolha: teremos alguns obstáculos, um final de viagem ou uma oportunidade de crescer?

Estamos conscientes que na escola é fundamental fazer essas escolhas, mas estas devem ser muito bem sentidas e observadas. A escola é lugar onde nossa sensibilidade não deve ficar suprimida. Essa por sua vez, é privilegiada por trabalhar com o que se tem de mais

¹ A constatação é do primeiro relatório referente ao desenvolvimento humano para América Latina e Caribe sobre distribuição de renda, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PROGRAMA, 2010, [s.p.]).

precioso: as mentes humanas. Porém, ao tratarmos de humanos é primordial lembrar que estamos nos referindo a pessoas com histórias próprias, desejos e necessidades que são somente seus e isso deve ser o ponto de partida do educador.

Percebemos que na escola tende prevalecer à diferença no processo de socialização e educação dos homens.

“Durante boa parte da história, só se considerava sujeito culto, aquele que frequentava os bancos escolares, que teve contato com a educação formal. Atualmente já se entende que a escola não é o único espaço de educação e produção de cultura. Isto está para além dos muros da escola. É preciso que os professores compreendam que a escola não é mais a única agência de transmissão do saber. É importante perceber que a educação ocorre em muitos lugares: nos meios de comunicação, nas empresas, na rua, nos clubes, nos movimentos sociais.” (COSTA apud LIBÂNEO, 2007, p. 25).

Entendemos que a função da escola é a de reconhecê-la como um espaço em que todos tenham acesso e permanência assegurada, e que não se limite apenas na transmissão de saberes, mas que articule estes com o saber popular. Nesse sentido, cabe lançarmos as seguintes questões: como esta instituição vê essas desigualdades que tocam à sua porta? Como se entende a palavra cultura e as experiências vivenciadas pelos alunos têm como objetivo a construção de outros conhecimentos?

No Espaço Escolar: o Currículo e a Cultura

Atualmente, para cada instituição escolar existe um currículo. Dentro desse currículo temos a grade de conteúdos mínimos que devem ser trabalhados pelos professores, as regras que devem ser exercidas, os valores éticos e morais que a escola defende. Contudo é fundamental ressaltar que não é só isso que se apresenta aos alunos nas instituições: cada professor possui seus próprios valores e regras a serem respeitadas por seus alunos. Cada ambiente sócio-cultural em que a escola está inserida possui também seus discursos a serem reforçados pela escola. (APLPLE, 1982).

Assim, o currículo oculto costuma servir para reforçar valores e conhecimentos que vão de encontro aos interesses das ideologias hegemônicas do momento sócio-histórico em que se está inserido. Entretanto os estudantes não costumam aceitar simplesmente, desenvolvem mecanismos de resistência e costumam realizar alterações nas mensagens que as instituições procuram submetê-los. (TORRES, 1995).

O currículo dessas escolas passa a privilegiar cada vez mais o conjunto de saberes sistematizado onde se produzem sujeitos atrelados às novas configurações de poder que

rodeiam a sociedade, e outras pedagogias passam a habitar o currículo escolar. Passamos a perceber o currículo escolar como atividades práticas e experiências onde a escola elege os sujeitos escolares para que vivam tanto no espaço escolar quanto em outros espaços.

Sabemos, então, que, para a compreensão de um componente curricular, ele deve se ajustar em um complexo de conhecimentos organizados e adequados à aprendizagem, sempre orientados pelos objetivos gerais de cada área (COLL, 1997; CHERVEL, 1990). Através desse discurso, volto meu olhar para as dificuldades que as escolas enfrentam no que tange aos currículos. Para Freire, sua legitimidade pode ser real desde que:

Possa ser reconhecida como um componente curricular, tão importante quanto os outros, sendo que deve apresentar objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolar sejam alcançados (FREIRE, 1999, p. 45).

Como exemplo: as vivências e experiências que adentram na escola por meio da história de vida de seus alunos e professores, subjetivados por programas de televisão, filmes, jornais e revistas entre outros componentes culturais que integram o seu cotidiano através das pedagogias culturais. O currículo escolar não deixa de ser considerado uma produção cultural.

Como assinala Cury (1986, p. 80), “na verdade, a sociedade capitalista, no conjunto de suas relações de classe, se expressa ideologicamente com a concepção de mundo liberal” no que tem de mais significativo, ou seja, a ideia de “igualdade” dos cidadãos.

No entanto, alguns professores observam os alunos de forma homogênea, não respeitando suas particularidades. Isso faz com que as aulas sejam transmitidas de forma idêntica para todos, e a finalidade da escola se resume apenas a transmitir os conhecimentos socialmente acumulados e vistos como importantes pelo grupo social hegemônico. Na maior parte das vezes, esquecem de que os alunos vão para a escola com metas e objetivos. “Não haverá de ser somente com experimentos, teorias e conhecimentos científicos que ensinaremos a crianças e adultos, o essencial a respeito das pessoas que são da vida que partilham e do mundo em que vivem.” (BRANDÃO, 2005, p.27).

Quando dissemos e agimos como se nossos alunos fossem análogos perdemos a mola propulsora da construção do conhecimento, isto é, a interação e a diversidade. Quando se iguala todos se está sagrando as desigualdades e as injustiças relativas às raízes sociais dos alunos, e este não deve ser de modo algum a função da escola.

Buscamos, em essência, com esses enfoques proceder a uma análise sobre o que ocorre no interior das instituições e para além delas, em relação aos seus rituais e rotinas,

conflitos e interesses, como forma de abreviar a profunda crise de identidade que assola o espaço escolar formal.

A escola contemporânea deve ter, como objetivo fundamental, levar seus alunos a pensar criticamente sobre a sociedade a qual estão inseridos, distinguirem seus problemas e por meio dessas reflexões procurar formas de modificação concreta. Não cabe somente ensinar a ler e escrever, é fundamental incitar o pensar e o argumentar, como já colocava Freire (2001).

A partir desses domínios, deve-se viver e criar nos múltiplos espaços/tempos cotidianos nos quais estamos inseridos, ganhar e resgatar a importância da compreensão de como se formam “[...] as redes de subjetividade que cada um de nós é”. (LOPES & MACEDO, 2002, p.89).

Assim, o fundamental é que o professor esteja disposto a mudar e que realmente elabore um novo currículo que vise acolher as necessidades desses novos grupos presentes em nossas escolas. Com a manutenção dos currículos na forma e com conteúdos como se encontram, ficam explícitos as divisões de classe, as diferenças entre os grupos oprimidos e o poder hegemônico dos opressores. Dessa maneira, seremos todos prejudicados pelo ceticismo que se criará em torno da educação.

Nesse sentido, a inserção dos saberes, experiências dos alunos como base para construção do conhecimento na escola, segundo Dayrell (1996), sobressaltam muitos educadores, pois esses temas, na maioria das vezes, não são de domínio dos professores. Dentro dessa perspectiva, muitos podem se sentir ameaçados e até mesmo provocados pelo conhecimento de seu aluno.

O movimento de resistência do popular, referente aos professores, tem sua explicação no fato de que este reconhecimento possibilita ao aluno autoridade, pois dessa forma haverá domínio do aluno neste campo. O poder aí não será mais particular do detentor do conhecimento formal, mas será dividido com o popular.

Nesse entorno temos o empasse entre a cultura popular e a pedagogia. Na opinião de muitos elas são excludentes entre si, o que não é verdade, já que uma é complemento da outra. Mas para que isso aconteça é necessária uma pedagogia crítica, que leve os alunos a avaliarem sua cultura popular, sem julgar entre certo e errado, mas o que existe de verdadeiro e de mito.

Giroux (2005), aponta um comparativo entre a cultura popular e a pedagogia. A cultura popular é constituída em torno do prazer e da diversão, enquanto a pedagogia é determinada em bases instrumentais. Dessa maneira, a cultura popular situa-se no solo do

cotidiano, ao passo que a pedagogia geralmente legitima e imprime a linguagem e os valores da cultura predominante. A cultura popular é apropriada pelos alunos e ajuda a garantir suas experiências e anseios, enquanto a pedagogia corrobora as vozes do mundo adulto, o mundo dos professores e dos administradores de escolas.

Em nossa opinião, os professores buscam respaldo para suas idéias e atitudes e com os alunos isso não é diferente. Sua busca incansável está no seu cotidiano, na realidade que convivem e conhecem. Muitas vezes, na escola, queremos que nossos alunos apreendam tudo o que nós pensamos ser essencial, sem buscar saber na íntegra qual o real sentido deste conhecimento para aluno.

Portanto, faz-se necessário atrelar a pedagogia com a cultura popular, pois dessa união resultará um pensar para outra forma de escola, ou seja, uma escola mais adequada às reais necessidades do seu alunado.

Este descaso pela educação das classes populares, baseado em preconceitos e em esquemas sociais que privilegiam determinados grupos de seres humanos, não abriu possibilidades para formar professores que pudessem questionar os regimes existentes. (TRIVIÑOS, 2003, p. 26).

Respeitar e reconhecer as diferenças nas escolas e nas salas de aula é fato primordial para uma verdadeira transformação social. Somente quando tivermos capacidade e coragem de assumir que cada ser é um ser único, dotado de vivências e experiências, anseios e necessidades próprias é que poderemos falar em um currículo justo. Currículo que possa privilegiar tanto os conhecimentos formais fundamentais para a vida, quanto a encontrar um lugar privilegiado no que se refere ao que os estudantes têm de mais significativo, que é a sua história.

Resgatar, com isso, a importância das teorias curriculares nos contextos pedagógicos é, pois, readquirir a consciência do valor político e cultural da escola, sobretudo nos momentos históricos de intensas rupturas, em decorrência da pressão que as instituições escolares lidam para que adaptem seus conteúdos e estilos de gestão aos indicadores econômicos e às leis de mercado. Sua riqueza não pode estar focada apenas na dimensão dos conteúdos ou nas disciplinas escolares, tampouco no percentual de pessoas a serem educadas pelo ensino de conteúdos pré-estabelecidos, mas, sim, na dimensão humana nas quais estão inseridos esses indivíduos.

As diferentes formas de cultura que se multiplicam no mundo contemporâneo aparecem como um desafio para os educadores e para a escola formal. Por muitos anos apenas

as instituições de ensino eram vistas como locais de produção e transmissão de cultura e de conhecimento. Hoje, comprehende-se que a interação entre as pessoas também propicia a troca de informações, de conhecimentos e a construção de novos conceitos.

De acordo com Moreira (2002), essas novas formas de cultura são apontadas por muitos como multiculturalismo, ou seja, seria a pluralidade existente na sociedade e da qual não podemos negar. Aqui não nos referimos apenas a cultura formal, mas também das tradições e dos costumes estabelecidos nas famílias e comunidades das mais distintas classes sociais. As vivências pessoais e os convívios dos primeiros anos de vida fazem com que a criança, ao chegar à escola, já possua uma gama de cultura.

A cultura está além dos muros da escola, ela acontece nas mais diversas relações, espaços e contextos, Dayrell , define a cultura como:

“[...] conjunto de crenças, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade em determinado momento histórico.” (DAYRELL, 1996, p. 142-143).

Entendemos que a cultura tem a função de reorganizar o sujeito, isto é, incutir nele ideias que o desprendam de seu estado instintivo e o faça reconhecer as regras e usos sociais para que seja aceito na sociedade. Esta é uma forma para que o indivíduo tenha consciência de si e identifique seu papel social.

Nesse sentido, a cultura tem a função de inferir na condição humana. É a cultura que nos diferencia dos animais que agem por instinto. Os humanos trazem na cultura sua margem de comportamento, tanto dos aceitáveis ou não por parte da sociedade no qual estão inseridos. Sua leitura de mundo faz parte de sua cultura.

É essencial que a escola aceite seu aluno como um sujeito único, portador de conhecimentos particulares que o fazem ser como é. Aceitar o próximo e o seu saber pessoal pode ser um complexo trabalho, mas é a forma mais lógica de mediar à construção do conhecimento e o contato com as diversidades culturais.

Compreendemos que tornar-se necessário a escola produzir saberes éticos que ajudem a democratizar a cidadania, fazendo com que cada estudante se torne, no futuro, um cidadão crítico, consciente, que contribua para o aprimoramento da sociedade, e para a preservação do ambiente em que ele vive. Os saberes oriundos do caminho da vida dos sujeitos nem sempre são levados em conta e, por isso, muitas vezes nos deparamos com números alarmantes de evasões escolares. Quando não se respeita a individualidade ou nem se quer se reflete sobre ela, as consequências são catastróficas. Aprendemos, verdadeiramente, quando o

conhecimento proposto faz sentido em nossa vida pessoal: há de se ter uma ligação entre o formal e o individual.

Vemos, assim, que a troca de experiências é um desenho rico de partilha de conhecimentos que a escola, muitas vezes, deixa de lado. Oferecer espaço para que os alunos compartilhem vivências e projetar o que o grupo busca em conhecimentos significativos é fundamental para que não haja apenas a aquisição do conhecimento com o simples intuito da avaliação.

Então, de que maneira a escola lida com essas diversidades culturais? Se não podemos fugir delas, como usá-las a favor do desenvolvimento do sujeito? Como ensinar a todos o mesmo programa, os mesmos conteúdos, como sustentar a mesma grade curricular? Essas são apenas algumas indagações que inúmeras vezes extraem o sono dos professores que aspiram por uma educação de qualidade e que respeite as multiplicidades.

Há de se refletir quem são os sujeitos do processo ensino-aprendizagem e identificar de onde vem este aluno que assenta nos nossos bancos escolares. O que podemos fazer para que os conhecimentos transmitidos pela escola tenham sentido para grupos tão distintos que até pouco tempo não faziam parte deste universo de ansiedades? “A escola deve ser entendida como um espaço sócio-cultural, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. para que isso aconteça é necessário o resgate do papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição”. (DAYRELL, 1996. p.137).

A partir dessa nova percepção surge um novo humanismo, onde a pessoa é posta como autora e sujeito do mundo no cerne do conhecimento, considerando que a natureza e as estruturas estão no centro das pessoas.

Considerações Finais

Compreendermos que vivemos numa *sociedade a serviço do mercado*, quando o inverso é que expressaria mais justeza em relação ao dado humano, devendo corrigir nossa escalada para a barbárie e desrazão. Desse ponto de vista entende-se a urgência de se pensar e repensar os currículos hodiernos no Brasil a partir de uma visão libertadora e emancipatória alicerçados principalmente nos princípios da solidariedade.

Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui pra diante vai ser diferente. (ANDRADE²).

²ANDRADE, Carlos Drummond. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_de_carlos_

O poeta quando escreveu estes versos tratava de sentimentos intensos e confusos. Constatava-se que se tinham obstáculos no meio do caminho, o que fazer? Mudar de caminho? Começar outra vez? Desistir da caminhada?

Muitas vezes é assim que nos sentimos em relação ao trabalho pedagógico. Sempre haverá obstáculos, e deveremos decidir o que fazer com eles. A tarefa é árdua. Por inúmeras vezes teremos que fazer força e saltar sobre eles, outras vezes será possível contorná-los e começar outra vez. Assim acontece nas salas de aula!

Segundo o artigo primeiro, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, a “[...] educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p. 1).

Entendemos que o educador contemporâneo necessita saber lidar com as diversidades culturais que se apresentam em nossas salas de aulas e que, em muitas ocasiões, nos provocam reflexões e mudanças. Mas devemos escolher o que fazer? Vamos desistir de acreditar e deixar nossos ideais adormecidos não querendo reconhecer as multiplicidades que nos são proporcionadas, ou vamos nos valer do obstáculo e fazer dele a mola propulsora para um salto visando um futuro mais digno e justo?

Conforme Fernando Pessoa³, onde alguns veem obstáculos, outros podem ver oportunidades de crescimento, dessa forma, para alguns uma pedra no caminho pode ser o obstáculo ou a oportunidade de crescer.

Compreendemos que o tema dos saberes experiências extra-escolares, em sala de aula, e da necessidade da inclusão desses conhecimentos na organização curricular das instituições educacionais é complexo e exige contínuo estado de pesquisa, análise crítica e diálogo.

Na realidade brasileira, quando pudermos dizer que nossos currículos estão sendo pensados e organizados para alunos reais, com histórias e vivências ricas, sem a lente embaçada pelo preconceito frente à cultura não formal, poderemos falar então em uma escola que deseja e trabalha por um indivíduo crítico e autônomo. Desse modo, carecemos decidir o que fazer com nossos obstáculos e ou pedras, mas jamais devemos desistir de nossos caminhos, podemos até encontrar novos, mas jamais desistir da caminhada.

drummond_de_andrade/5/. Acesso em: 09 jul. 2011.

³ PESSOA, Fernando. Disponível em: < <http://www.aindamelhor.com/poesia/poesias03-fernando-pessoa.php>. Acesso em: 10 jul. 2011.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o amor: Sobre um aspecto que se aprende a viver**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- BRASIL. LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 05 out. 2010.
- CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Rev. Bras. Educ. n.23 RJ. maio/ago. 2003.
- CHEVEL. **A história das disciplinas escolares**: Reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e educação. Porto Alegre, Panonica, n-2, 1990.
- COLL, César. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 1997.
- COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro? Entrevista**. Rio de janeiro: Editora Lamparina, 2007.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 1986.
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 5ª Ed., São Paulo: Cortez. Brasília: MEC, UNESCO, 2007.
- FREIRE, E. S. **Educação Física e conhecimento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1999. 99f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.
- GIROUX, Henry A. e SIMON, Roger. **Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Boaventura. S. A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Propostas curriculares alternativas: Limites e avanços**. Educ. Soc. v.21 n.73 Campinas dez. 2000.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, Diferença Cultura e Diálogo**. Educ.

Soc. v.23 n.79 Campinas ago. 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Com desigualdade, IDH-D do Brasil cai 19%, aponta nova metodologia do PNUD, 2010.** Reportagens. Disponível em:<http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3524&lay=pde>. Acesso em: 10 out. 2010.

TORRES, Jurjo. **O CURRICULUM OCULTO.** Portugal: Porto Editora, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva ET AL (org.). **A Formação do educador como pesquisador no MERCOSUL/Cone Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.